

A Indústria da Flor no Mundo e o Comércio Internacional do Brasil

MINORU MATSUNAGA¹

¹ Associação Central dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Estado de São Paulo (ACPF),
Rua Aroaba, 76, Vila Hamburguesa, CEP 05315-020, São Paulo (SP).

INTRODUÇÃO

Por movimentar cifras medidas em bilhões de dólares, a produção e comercialização de flores e plantas ornamentais nos países de primeiro mundo tem a conotação de "flower industry" (DOESBURG, 1992). Essa denominação é apropriada porque envolve, profissionalmente, todos os segmentos da cadeia produtiva que vai dos insumos envolvidos na produção aos agentes da intermediação e varejo, até chegar ao consumidor final. Essa indústria é importante da perspectiva do consumo de flores cortadas no mundo, podendo dar uma dimensão da importância relativa entre países consumidores. Países como Noruega, Suíça, Suécia, Dinamarca e Itália consomem mais de US\$ 100 per capita/ano. Alemanha, Austrália, Holanda, Bélgica, França, Japão e Estados Unidos consomem por ano, por pessoa, valores acima de US\$ 40, enquanto que o Brasil, pelas estimativas, não alcança US\$ 7 per capita/ano.

Estados Unidos, Europa e Japão movimentavam, em 1990, valores de US\$ 6 bilhões, US\$ 12 bilhões e US\$ 3 bilhões, respectivamente (LANDSTRA, 1991). Apesar desses números, as áreas de produção dos prin-

cipais países produtores e exportadores não são tão significativas, exceto pelas particularidades dos Estados Unidos e Japão, com respeito à área de produção e número de produtores, respectivamente.

PAÍSES EXPORTADORES

A Holanda, exportadora de 60% de flores de corte e de 51% de plantas ornamentais, tinha, em 1997, 7.625 hectares (ha) de área, sendo 5.344 ha em estufa e 2.281 ha a céu aberto, com 11.300 produtores. Entre estufa e céu aberto, 5.700 ha referem-se a flores de corte. A Colômbia detinha 4.300 ha, com 730 produtores (1993) e no mercado internacional de flores de corte é hoje o segundo maior exportador mundial, com valores da ordem de US\$ 500 milhões (1997). A Áustria (1994) contava com 4.000 ha. Israel, Itália, Espanha, Equador, países africanos como Kenya e África do Sul, países que são exportadores de flores de corte principalmente, não terão certamente áreas de produção maiores que aqueles países principais, citados anteriormente.

Os Estados Unidos, como país essencialmente capitalista, não poderiam ser diferentes na indústria da flor. Segundo dados de 1994, aquele país possuía 18.645 ha, com a

seguinte distribuição: 4.300 hectares em área coberta por estufas de plástico, estufas de vidro e estrutura rígida; 3.227 ha em cobertura temporária e sombrite e 11.098 ha a céu aberto, com 10.137 produtores. De outro lado, o Japão, apesar de ter somente 13% de sua área agricultáveis, tinha 48.400 ha com 149.000 produtores, em 1994. Dentro desse quadro, o Brasil teria cerca de 4.500 ha com 3.600 produtores (VEILING-HOLAMBRA, 1997).

SITUAÇÃO DO BRASIL

Apesar da área razoável de produção de flores e plantas ornamentais, o Brasil, e em particular o Estado de São Paulo, tem muito a aprender com o mercado externo dado o profissionalismo com que é encarada a atividade.

São Paulo, o estado que detém a maior área (cerca de 3.500 ha) e o maior número de produtores (2.500), através de suas organizações de produtores e órgãos de representação, tem se preocupado em melhorar a qualidade da produção, uma vez que o mercado vem se tornando bastante competitivo. As duas entidades com maior número de produtores e mais bem organizadas são a Associação Central dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Estado de São Paulo (ACPF) e a Cooperativa Agropecuária Holambra, cujas áreas de produção são de 820 ha e 650 ha, contando com 270 e 160 produtores, respectivamente. Enquanto isso, somente na CEAGESP, em São Paulo, atuam cerca de 1.300 permissionários do setor de flores e plantas ornamentais. Significa dizer que, somente a ACPF, cujos associados não são a maioria que atua naquele mercado, chega a representar tão somente 20% daqueles permissionários.

Detendo três grandes atacados, a CEAGESP (São Paulo) e a CEASA (Campinas) e o leilão do Veiling da Holambra, o valor estimado (e, portanto, subjetivo) de

comercialização no atacado do Estado para 1997 seria da ordem de R\$ 267,6 milhões que representa pouco menos da metade do valor das exportações colombianas, essa representada somente por flores de corte.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

Tal ordem de grandeza, juntamente com a situação da floricultura brasileira, a sua inserção geográfica no mundo e a questão dos fretes aéreos, determina, em parte, o motivo pelo qual as exportações brasileiras de plantas ornamentais são muito baixas. Em 1994, o Brasil exportou U\$ 12,6 milhões. Em 1995, que apresentou o maior valor do período, alcançou U\$ 13,4 milhões e nos anos seguintes as exportações vêm caindo gradativamente (Tabela 1). Um setor que cresceu nas exportações foi o de bulbos, tubérculos e rizomas. Em 1994 havia exportado U\$ 2,5 milhões e alcançou, em 1997, U\$ 2,9 milhões. Também o setor de flores secas apresenta valores significativos na exportação que em 1997 alcançou U\$ 1 milhão, quando se sabe que flores secas são representadas, principalmente, por flores silvestres nativas colhidas nos campos. De outro lado, rosa e outras flores de corte sofreram uma queda abrupta em 1996. Enquanto em 1994 foram exportadas U\$ 2,3 milhões e no ano seguinte U\$ 2,1 milhões, em 1996 o valor caiu para U\$ 418 mil (DECEX, 1998). A principal razão desse decréscimo é devida à saída do mercado de empresa exportadora.

IMPORTAÇÕES DO BRASIL

Do lado das importações, segundo a Tabela 2, em 1994 o Brasil importou U\$ 1,7 milhões, enquanto que no ano seguinte esse valor subiu para U\$ 5,3 milhões, aumentando para U\$ 6,6 milhões em 1996. Somente o segmento flor de corte, que representava, em

1994, U\$ 316 mil, alcançou em 1997 o montante de U\$ 3,1 milhões. Em termos percentuais, rosa e outras flores de corte como gipsofila e cravo, entre outros, representou 17% das importações de todo o setor. Este percentual vem crescendo a cada ano, tendo em 1997, representado 52% e até junho de 1998 essa participação já havia alcançado 62% (DECEX, 1998).

Esse quadro é preocupante, não por causa da competição em si, que é desejável com os produtores nacionais, mas sim por causa da facilidade com que o produto chega no Brasil. Somente o certificado do atestado de fitossanidade é suficiente para internalizar as flores de corte, além de não sofrer praticamente nenhuma taxa por causa dos acordos bilaterais país a país. De outro, a

Tabela 1. Exportações brasileiras por categoria de flores e plantas ornamentais.

Ano	U\$ milhão	Bulbo (1)	Mudas Plantas Ornamentais (2)	Rosa e outras flores (3)	Flores Secas (4)
1994	12,6	2.507.474,00	5.527.060,00	2.348.324,00	863.284,00
1995	13,4	2.717.610,00	6.813.129,00	2.115.386,00	902.913,00
1996	11,8	2.764.534,00	6.744.978,00	418.316,00	1.157.418,00
1997	11,0	2.914.266,00	5.985.741,00	262.162,00	1.026.722,00
até 6/98	5,8	1.313.939,00	3.639.420,00	74.632,00	479.067,00

Fonte: DECEX, 1998

(1) bulbos (begônia, gladiolo), outros bulbos tubérculos, rizomas, por unidade

(2) mudas de plantas ornamentais, por unidade

(3) rosa, botão, fresco, cortado, outras flores, dúzia

(4) botão, seco, cortado, quilograma

Tabela 2. Importações brasileiras por categoria de flores e plantas ornamentais.

Ano	U\$ milhão	Rosa (1)	Outras flores (2)	Soma (1 + 2)	%
1994	1,78	179.847,00	136.579,00	316.426,00	17
1995	5,31	534.604,00	1.211.841,00	1.746.445,00	32
1996	6,63	949.709,00	1.511.511,00	2.461.220,00	37
1997	5,94			3.113.091,00	52
até 6/98	3,66			2.285.546,00	62

Fonte: DECEX, 1998

(1) rosa, botão, fresco, cortado, para buquê, dúzia

(2) outras flores, botão, fresco, cortado, para buquê, dúzia

comercialização da produção interna obriga o produtor ou distribuidor a exibir atestados para transpor as divisas entre estados, o que dificulta o comércio e penaliza o produto nacional. E quando o Brasil tem intenção de exportar, há exigências diversas que dificultam as exportações brasileiras. Outro detalhe a ser levado em consideração diz respeito ao fato da flor de corte não agregar nenhum valor qualitativo, por exemplo, que pudesse ser apropriado pelos produtores nacionais. Nesse sentido, o que o Brasil está é permitindo manter o emprego nos países exportadores em detrimento do emprego no Brasil.

Enquanto se importa a flor de corte com as facilidades citadas, o país impõe taxa-ção de impostos em sementes e mudas que trazem agregadas tecnologias embutidas na melhor qualidade e que merecendo o mesmo

tratamento dado às flores de corte, traria muito mais benefícios ao desenvolvimento da floricultura nacional.

LITERATURA CITADA

DECEX. Ministério da Indústria e Comércio. 1998.

DOESBURG, J. van. Flower industry in Europe: countries around the world aiming at large markets. *Farming Japan*, v. 26, n. 4, 1992.

LANDSTRA, J. The global production on distribution of floriculture crops in the early 1990's. Agricultural Section, Royal Netherlands. Embassy Tokyo, 1991.

VEILING HOLAMBRA. Boletim Anual. Edição de 1997.